

grão é mais natural e commum dizer-se *grãosinho*; e de *verão* também muitas vezes se faz *verãosinho*. — De *rio* alem de *riacho* achâmos a miudo *riosinho*.

A nossa lingua é mui rica neste genero de derivação, que faz com que a significação de um primitivo tome um augmento enorme, e d'elle vá descendo gradualmente até o contrario extremo de pequenez, como se vê nos derivados de *velhaco*; *velhacão*, *velhacaz*, *velhaquête*, *velhaquinho*; e de *soberbo*; *soberbão*, *soberbaço*, *soberbête*, *soberbinho*.

Á REFLEXÃO 7.^a — *Sobre os participios viciados na pronunciação.*

A doutrina do A. neste capitulo não nos parece inteiramente admissivel; estriba-se elle no uso dos Classicos, e dá a entender que na distincção de participios regulares ou participios contrahidos só havemos de acceitar as formas com que os antigos escriptores os modificaram. — Parece-nos que o participio contrahido sincopando syllabas abbrevia a palavra, e pode ser com vantagem empregado na dicção poetica, tão sujeita ao numero e harmonia, tão obrigada a empregar as vozes mais curtas e rapidas na pronunciação, pois que nisto vai muito para o seu effeito; porque de prosa alivanhada em forma de versos estamos nós de sobejo fartos. Disse Bocage, poeta de natural inspiração;

“Europa, curva, oppressa, e quasi escrava.”

Pelo dictado do nosso A. *opprimida* era a palavra segundo os Classicos, porem *oppresso* vem naturalmente do latim como outros muitos adjectivos que temos, por exemplo *ignoto*, *prompto*, *mixto*, &c. Todos nós sabemos, como da indole da conjugação, da raiz do verbo, se formam os participios: de *reprimir* teremos *reprimido*, de *supprimir*, *supprimido*. *Oppresso*, *represso*, &c. não são termos tão communs; mas quem negará que muito contribuem (abstrahindo agora dos versos) para a concisão e vehemencia de um discurso oratorio, maiormente quando a par da locução florida for necessario concentrar as ideas em bre-

ves phrases? Querer desterrar estas formulas da linguagem, é privar-nos da variedade, e ás vezes da força, com que nos podemos exprimir. — Accresce que o A. não pejeja determinadamente contra todos os participios contrahidos, só contra aquelles de que não pôde achar exemplos; outros cita que nem menção merecem, como *volto por voltado*.

Entendendo-se que não achámos motivo para reprovar a syncope ou contracção nesses adjectivos oriundos dos verbos, sabendo-se que approvâmos, segundo as circumstancias, qualquer das duas modificações que tem em a nossa linguagem, appellâmos para o testemunho geral: e que nos digam se *afflicto* é reprehensível só porque Vieira o usou poucas vezes, servindo-se mais de *affligido*: os italianos tem *afflitto*; e os nossos visinhos hespanhoes as duas modificações como a nossa lingua, e delias sem escrupulo se servem. Vamos agora ler o que escreveu o litterato mais sabedor dos arcanos da linguagem a pag. 3 do tom. 2.^o do *Ensaio sobre os Synonymos*. “— O coração *afflicto* não faz esforço algum para se distrahir da sua dôr; antes esta se irrita mais, quando a querem combater. Para consolar o homem na afflicção convém dar tempo ao desafogo e esperar o momento favoravel, que é de ordinario quando a pessoa *afflicta* começa a fallar com uma especie de ternura e effusão do coração ácerca do objecto, que motivou o seu penoso estado.” — Demais, o participio latino é *afflictus*, e note-se que muitos que o A. reprehende não são mais que traducções latinas, como, *submerso*, *erecto*, *extenso*, *incurso*, *expulso*, *molesto* &c.: nova rasão esta para sem reluctancia se adoptarem. *Exhausto*, *abstracto*, *eleito* (*electus*) tem a mesma fonte; e o A. admitte-os; e eis-aqui a flagrante contradicção de quem só olha para auctoridades e não attende á rasão das cousas: tanto maior contradicção que a palavra *oppresso* nesta obra se acha justificada a pag. 111 com Fr. Bernardo de Brito, que não é auctoridade de pequena monta.

Notemos mais que o ter empregado o auctor do poema a S.^{ta} Maria Magdalena a palavra *suscitado* em logar de *resuscitado*, não era objecto de reparo, por não ser exemplo clas-

sico, nem haver susceptibilidade de erro em palavras de tão diverso significado, bastando a apposição da preposição *re* para as distinguir. — Quereriamos nós que esta preposição, que tão simplesmente compoem os verbos para denotar iteração de acto fosse mais geralmente applicada, v. gr., que assim como temos *repetir*, e *retroceder* e *recompôr*, usassemos de *recomeçar*, por haver casos em que este verbo seria mais explicito do que *renovar*. E' cousa celebre que uma das equivalencias de *renovar* no Dicionario de Moraes é *recomeçar*, onde cita a Chronica de D. João 3.^o, e no corpo do Dicionario na ordem alphabetica não traz este verbo, tendo incluído outras palavras sem apontar auctorisação.

ÀS REFLEXÕES 9.^a E 10.^a — *Sobre os erros commettidos na conjugação de alguns verbos, &c.*

O verbo, a palavra por excellencia, a que exprime os actos e os juizos, sendo a que mais variações experimenta para indicar e distinguir as pessoas, os tempos, as modificações relativas aos sujeitos, é por isso aquella em que mais e por differente maneira erram os indoutos; concorrendo para isso não pouco as conjugações irregulares, numerosas nas linguas vivas, mas que o uso immemorial sanccionou, e converteu em excepções permanentes das regras. A importancia do verbo na oração ou sentença é motivo para os criticos se darem ao trabalho de apurar as normas da recta conjugação e as anomalias adoptadas.

Temos por correntes as advertencias incluídas nestes dois capitulos, com poucas excepções. — Quanto aos verbos, *construir*, *destruir*, *despedir*, cremos que seguir os Classicos, como aponta o A., é levantar uma questão já pelo uso decidida: não se diz agora, *construe*, *destrue*, nem *consume* por *consome*, postoque é innegavel ser essa conjugação melhor derivada das primeiras pessoas do presente do indicativo, evitando anomalias no verbo: menos rasão haverá para dizer com os antigos *eu despido*, que *eu despida*, não só porque o verbo de que este se compoem faz *eu peço*, que *eu peça*, mas por causa de confundir-se com o parti-

cipio *despido* ou a sua terminação feminina. E se o verbo *medir* é anômalo, porque o não serão os compostos de pedir, cuja variação aquelle segue?

Pelo que se lê enunciado de um modo absoluto a pag. 28, poderá presumir-se que *dôer* é tão sómente neutro, quando muitas vezes é tão activo como neste rifão: — quem não dá o que dóe não alcança o que deseja.

Sumir: vendo-se que o A. adopta as variações irregulares deste verbo se conhecerá a justiça com que acima fallámos a respeito do uso actual de outras variações de *destruir e construir*, e de *consumir*, que d'envolta com aquelles o A. intromette, vindo depois quasi a contradizer-se no paragrapho do verbo *sumir*, accetando-lhe expressamente a divergencia da regular conjugação. Se os antigos diziam *consumes, consume*, é porque na raiz deste verbo composto diziam igualmente *sumes, sume*. — Nos derivados do latim *sumo, is*, é que dizemos *assume, resume*.

Titubiar. — Devia o A. mencionar que nos Classicos é frequente o uso de *titubar*, versão immediata do infinito do verbo latino, *titubo*, assim como empregaram o participio do presente *titubante*: mas se lhe escapou aqui, lá reparou esta ommissão no vocabulario, com que finda este tratado; vide a palavra a pag. 146.

Valer. — Claro está que os exemplos são para se pronunciar *val*; mas não é exacto que *vale* se confunda com o substantivo seu homonymo *valle* que se escreve com dois *ll*. Não fazemos caso, por desusada, da voz do imperativo, que usavam os latinos como formula de despedida, e que de raro se tomava por substantivo, v. g. como em Virgilio, *vale æternum*, adeos eterno: a mais ordinaria significação de *vale* corresponde ao nosso trivial cumprimento *passe bem; tenha saude*; e dahi nasceu que ainda não ha muitos annos era appendiculo obrigado em todos os prologos, que não findavam sem essa costumada saudação ao Leitor, que era tambem por força ou *pio*, ou *benevolo*.

São mui justos os reparos sobre as abusivas pronunciações, que se reprehendem no fim da reflexão 9.^a; a doutrina, que as corrige deve ser quotidianamente exposta nas aulas, pois que ve-

mos muitos presados de bem fallantes, que todavia pela força irresistivel do habito, cahem em erros tão torpes. A falta de attenção, que ou confunde as segundas pessoas do plural dos preteritos perfeitos do indicativo com as segundas pessoas do singular dos mesmos, ou estropia aquelles, é tão commum que a notâmos em obras impressas; é vergonhosa mancha na pureza da dicção, e que o escriptor deve sempre desveladamente evitar: por exemplo, *tu amastes, vos amasteis*, é vicioso modo de conjugação que muito cumpre desterrar. Igual censura merece o erro no futuro do conjunctivo, tambem nas segundas pessoas do plural, quando pronunciam *amares*, que é a voz do singular, ou *amareis*, que é solecismo, devendo dizer-se *amardes*; contra elle insiste o A. na immediata reflexão, a pag. 33, mostrando quando é louvavel o uso da syncope.

Ampliando e acclarando o texto do nosso A. (Reflexão 10.^a) poremos por ordem as figuras da dicção. São estas as mudanças que se fazem nos vocabulos sem lhes alterar a significação: umas se empregam no uso geral, outras em escriptos de certa natureza e em determinadas occasiões, e todas procederam de se querer evitar o concurso de consoantes que produz som aspero, e as cacophonias, &c.: contribuem portanto para fazer mais harmoniosa e fluente a linguagem. — Tem logar similhantes alterações por tres fórmãs e cada uma destas no principio ou no fim ou no meio dos vocabulos: a saber —

1.^o Por accrescentamento de syllaba ou letra: e são tres as figuras desta especie. — Prothese, ou apposição, quando o accrescentamento é no principio das palavras, por exemplo, ajuntando-se ás seguintes a vogal *a*; *avôar, chegar, alembrear, assocegar, acredor, amostrar*, e outras, que no principio usaram os nossos antigos, e ainda agora usam alguns poetas por causa da medida do verso: e mais as usa a gente rustica, que é a que mais conserva a antiga pronunciação, ateimando v. gr. a dizer *relampado* como antigamente se escrevia. — Paragoge, ou posposição, accrescentando-se alguma syllaba no fim da palavra: exemplo, *felice, Joanne, Isabella, pertinace, produze, reluze*: e o caso é que pelo que toca aos verbos, (como os dois

ultimos nestes tempos e pessoa) outr'ora assim se conjugavam por figura ou sem ella. — Epenthese ou interposição (usada poucas vezes) intercalando-se uma syllaba no meio do vocabulo, como quando os poetas em vez de *Marte* dizem *Mavorte*.

2.^o Por subtracção, de que resultam outras tres figuras. — Apherese ou abstracção, tirando-se ás palavras algumas syllabas no principio: exemplo, *bóbedas*, *liança*, por *abóbedas*, *alliança*; e mais vulgarmente *ante* em lugar de *adiante*; *inda* por *ainda*; *té* por *até*; *traz* por *atrás*, &c. — Apocope, ou mutilação, cortada alguma syllaba no fim dos nomes, como quando dizemos *guarte lá* em vez de *guarda-te* &c. — A esta especie de alteração pertence tambem a synalefa ou elisão: exemplos vulgarissimos: *do*, *da*, *deste*, *lho* por *de o*, *de a*, *de este*, *lhe o*; outros querem que se refira á metathese (de que trataremos) porém a nosso ver com menos rasão. — Syncope, ou concisão, supprimindo syllaba no meio da palavra; exemplo, *temp'rado*, *per'la*, *imigo*, *cuidoso*, *desparecer*, *mór* &c., e tambem na pronuncia corrente *dir-te-hei*, *far-te-hei*.

3.^o Por transposição e transformação das lettras ou syllabas; figura, que chamâmos metathese; isto é collocando-as em ordem differente da em que se acham no vocabulo primitivo. Practica-se na preposição *em* quando se troca o *m* em *n* e elide-se o *e*, v. gr. *no*, *neste*, incorporando-a com o artigo, ou com o demonstrativo: — nos infinitos dos verbos por causa da euphonia substitue-se o *r* por *l*; exemplo, *dispô-lo*, *ouvi-lo*, em vez de *dispor-o*, *ouvir-o*; o *l* com o artigo fórma a ultima syllaba, motivo porque não gostâmos de escrever *dispol-o*, ainda que alguns (mestres respeitaveis) assim o ensinam, estribando-se em que o *l* está substituindo o *r*: — nestas modificações dos verbos *fazer*, *dizer*, — *fa-lo*, *di-la* em vez de *faz-o*, e *diz-a*, — e em identicas, ha a metathese que converte o *z* em *l*; nós preferimos (humilde opinião) em lugar de escrever *a riqueza fal-o soberbo*; pôr correntemente *a riqueza o faz soberbo*; perdão, se a outra pronuncia nos parece falla de gago ou de preto; nossos ouvidos, nesta conversão do *z* em *l*, não poderam ainda achar a gabada euphonia! — A mesma figura se emprega a cada passo

transformando a preposição *per*, v. gr. *pelo* em vez de *per o*; mas não se pratica o mesmo (como antigamente) com a preposição *por*: exemplo, *pôlo* em vez de *por o*. A metathese também muda *amam-o*, *temem-o* em *amam-no*, *temem-no*.

Finalmente, para evitar hiatos nascidos do concurso e colisão das syllabas finaes e iniciaes de duas palavras consecutivas, frequentemente fazemos a *crase* ou mistura do artigo feminino *a* com o demonstrativo *aquelle*, contrahindo-se n'um só *a* os dois v. gr. *áquelle* em lugar de *a aquelle*. — Sobre o assumpto que temos tratado lea-se com attenção a *Grammatica philosophica* de Barbosa, estampada em 1822 pela Academia das Sciencias de Lisboa.

As breves noções, que ficam expostas, parecerão a alguns leitores mais proprias de uns elementos grammaticaes que de uma nota: considerem porem que nem todos estão habilitados com estudos que as dispensam ou com os livros que as podem ministrar; vejam que por ellas se hade afferir e rectificar todo o confuso contexto desta Reflexão 10.^a — D'ellas se collige o nenhum fundamento das primeiras quatorze linhas da pag. 35 quasi no fim da mesma Reflexão. — Quem ha de ir com o A. quando affirma que “dizer antes d’hontem é fallar com o exemplo tirado do vulgo?” — *Antes* é adverbio e não preposição. *Anton-tem*, que o A. approva, é que devemos ter por plebeísmo, porque já notámos (com Soares Barbosa) que a gente rustica é a mais afferrada aos modos de pronunciar antiquados. — Que desnecessidade empregar o apostropho, para dizer *c’o sentido nisto*, quando é naturalissimo proferir *com o sentido?* . . . *N’isto* em vez de *em isto* é pela figura metathese, que já explicamos. — Pertender que é mais seguro *n’alguma occasião* do que *em alguma occasião*, *n’algum sitio* do que *em algum sitio* é (alem de cousa desarrasoada) contradicção com o que fica escripto neste mesmo capitulo, pag. 33 *in fin.* — “. . . hoje, não sei o porque, não vejo tão usada a preposição *em* junta aos articulos, *o*, *os*, *a*, *as*, como os articulos *no*, *nos*, *na*, *nas*. — Verdade é que o A. não affirma positivamente que é mais seguro o uso do que elle chama naquelles casos apostropho, e nós metathese: mas como

a maneira porque se exprime póde suscitar varias interpretações, não quizemos metter no escuro este reparo. Apostropho ou viracento é o signal da synalepha; tão escusado para indicar na prosa esta figura, como para a metathese.

Pelo que respeita á excepção, em os nomes de Santos que principiam por consoante, dos nomes Santo Thomaz, Santo Thomé, confessâmos que a temos visto estabelecida, ignorâmos porém o fundamento, salvo se o formos buscar ao uso cégo d'alguns; não se podendo allegar a rasão d'euphonia, porquanto bem desagradavel ao ouvido é o dissonante concurso das syllabas *tó* *tó*. — Sempre os escriptores das nossas cousas da Asia chamaram *São Thomé* á moeda de ouro que fôra mandada cunhar por Garcia de Sá. — Os Jesuitas abbreviavam o nome do apóstolo do Oriente dizendo o Santo Xavier.

Á REFLEXÃO 12.^a — *Vocabulario de palavras, que correm com pronunciações diversas.*

Postoque em materia de pronunciação ha opiniões, que apesar de contrarias se podem de parte a parte defender já com as armas da etymologia e da analogia, já com o auxilio das auctoridades classicas, termos ha em que será capricho não seguir o uso bem fundado. Ao uso confessa o nosso A. que se sujeita, chamando-lhe o *arbitro tyranno das linguas vivas*: comtudo ás vezes se desviou deste bom proposito, assim como n'alguns logares adoptou pareceres destituídos, a nosso vêr, de justificado fundamento: — Sobre esta Reflexão 12.^a fizemos tambem alguns reparos, que poremos segundo a ordem de vocabulario que o A. empregou.

Abestrux — *Abetarda*: nomes de duas aves. — Não vemos rasão para se reprovar *avestrux*, que tem exemplos classicos, e visos de ser derivado de *avis struthio*: nos livros hespanhoes lemos *avestrux*. — Uns escrevem *abetarda*, outros *batarda*; destes ultimos é o capitão José Monteiro de Carvalho no *Diccion. Portug. de plantas, arbustos, animaes, &c.* a pag. 79: ediç. de 1765. — Observamos que o nosso A. estriba-se muito na *Arte da Caça*,

mas esta obra sempre nos pareceu suspeita, em pontos de linguagem, por ser mal e incorrectamente impressa, crivada d' erros, até de regencia da oração: não queremos dizer que não abunda em muitos termos de falcoaria.

Abominoso por abominavel já se não diz, &c. — Nós aconselharemos que se diga opportunamente, assim como *abominando*: — tres variações, imitando o latim, as quaes contribuem para a riqueza da lingua.

Absolução: não obstante vir immediatamente de *absolutio*, tem querido o uso que *absolvição* se derive de *absolver*, ao passo que de *resolver* se tira *resolução*. — Não ha para que se reprove o participio *absolvido*, passivo de que *absolto* é contracção: *absoluto* é que deveremos evitar por causa da homonymia com o adjectivo que significa independente, livre, &c.

Abundoso: como rejeita-lo, citando só o exemplo d'auctor d'inferior nota, o do Poema da Destruição d'Hespanha? — E' de muitos e bons, inclusive Barros: tem carta de natural da nossa terra, e como tal cumpre recebê-lo. Da-se porem outra razão: a do valor deste vocabulo comparado com o seu synonymo, *abundante*. Para identicas variações sirva de regra a seguinte observação. — “A terminação em *ante* do participio do presente denota a acção actual ou o estado da cousa no momento de que se falla; o que acontece e se faz de presente; o facto ou as suas circumstancias, &c. — A terminação em *oso* denota a qualidade ou propriedade natural, a força, a inclinação, a paixão, o habito; emfim ás vezes a plenitude, perfeição, excesso, &c. de alguma qualidade ou accidente. — A colheita v. gr. é *abundante*, o terreno é *abundoso*; se alguma vez dizemos colheita abundosa, é para significarmos o excesso, a plenitude da abundancia. Os pastos são *abundantes* quando queremos exprimir a actual producção de um paiz relativamente aos rebanhos que alimenta; e são *abundosos*, quando queremos exprimir a fecundidade da terra, que os produz em grande abundancia, ou a plenitude da actual producção.” — Vide, com mais exemplos, o *Ensaio sobre Synonimos*.

Abusão, nem corresponde exclusivamente a *abuso*, nem é

antiquada. — *Abusado* por *enganado*, *illudido*, parece gallicismo. Os nossos dictionarios não trazem este adjectivo; mas vulgarmente se diz homem *abusado* o que crê em *abusões*, ou em ridiculas opiniões populares; e Madureira na sua *Orthographia* diz algumas vezes: «este vocabulo anda abusado» isto é, erradamente escripto ou pronunciado. *Gloss. de Gallicismos* pag. 3 da edic. in 4.^o

Acordo: é de todos os antigos; porem o uso, ao qual o A. dá muitas vezes venia (e tanto que por ceder ao uso tolera um erro: vide *almargem*) tem introduzido na pratica diaria, até forense, a palavra *acordão*, banindo a outra; como aconteceu com *acostar* que se antiquou; *acostumar*, que só se diz pela figura prothese (vide nota á Reflexão 6.^a); e *acquirir*, melhor derivado do latim, porem substituido por *adquirido*. — Não é exacto que os antigos só dissessem *acostar* e *acostumar*; o participio de *encostar*, *encostado*, *a*, se acha muitas vezes em Lucena e outros; e quanto ao segundo verbo citaremos Camões. Ode 2.^a versos 13 e 14.

O soffrimento triste costumou

A pena, que padego.

E apraz-nos este exemplo em verso, porque o poeta não se viu obrigado pela medida a desfazer a prothese; se escrevesse *acostumou*, o verso ficava igualmente certo, fazendo a elisão do *e* de *triste* para a primeira syllaba do verbo.

Afeitar por *enseitar*. O vocabulo *affeites* differe de *enseites* em que estes são ornatos e atavios que aformoseam; e aquelles são ornatos sobrepostos, *affectedos*, e que desfeiam: portanto o primeiro que por capricho do uso se antiquou deve ser restituído á sua posse. Lea-se com attenção, na 1.^a parte do *Ensaio sobre Syn.* o artigo 184 a pag. 198 e 199.

Affligido. — Veja-se o que escrevemos a pag. 166; e a mesma doutrina se applica a *apprehenso*, vide pag. 47.

Ajustamento. — Já Moraes traz *ajuste*, que em nosso entender deve usar-se, porque sempre é palavra que nos poupa duas syllabas.

Almotacé ou *almotacel* é termo d'origem arabiga como o cargo que significa: em Hespanha diz-se *almotacen*. *Almotacel-Mór* era cargo da casa real e do reino, a quem pertencia prover de mantimentos a côrte ou casa d'elrei onde quer que estivesse: vide J. B. de Castro cap. 11 da 2.^a part. do *M. de Portug.* — *Almotacel* não é erro do vulgo; assim achâmos nos melhores escriptores e é a pronunciação que parece adoptada pelo Diccionario da nossa Academia das Sciencias.

Altenaria: preferiremos sempre, apoiados em boas auctoridades, contra o sentir do A., *altaneria*; deste modo se escreve tambem no idioma castelhano.

Alvenel: *alvener* foi como escreveu Fr. Luiz de Sousa: e com effeito tem mais analogia com *alvenaria* do que *alvanel* e *alvinéo*. Pode ser que a troca do *r* em *l* procedesse de lapso de penna do A. ou do seu copista.

Amargoz, ou *amargós*: não é erro vulgar como o A. affirma; é dos melhores escriptores da Lingua, como pode ver-se nos dictionarios. *Amargor*, *amargo* (adjectivo substantivado) *amargura*, *amarguesa*, e *amargoz*, todos exprimem igualmente o sabor de cousa *amargosa*.

Ameaças e *ameaços*. Tanto escreviam os Classicos de um como de outro modo.

Antiado: é palavra que não vem nos dictionarios: não podemos admittir o latinismo do A., porque *enteado* em latim é *privignus*. Os hespanhoes dizem *entenado*. Delles tomamos a palavra *anteado*, ainda que não a trazem os nossos vocabularios, para significar uma côr amarella como a da pelle d'anta curtida.

Apertura: Vieira tambem usou de *apêrto*, que é hoje o adoptado com infinidade de exemplos puros.

Arenoso: diz que é *melhor do que areento*, sobretudo em poesia. — Não sabemos porque?... Em poesia, *areento* offerece mais uma rima.

Ascoso: não é termo só por medicos empregado, e por escriptores de inferior nota, porque de certo o auctor não tinha nessa conta os Classicos puros; Arraes que o usou no Dial. 9.^o c. 1.^o, e Lucena no Liv. 1.^o cap. 4.^o

Aspergido: tem Madureira razão para admittir *asperso*, que é immediata versão do latim *aspersus* e como tal participio do preterito do verbo *aspergir*. A' cerca de participios semelhantes veja-se o que escrevemos a pag. 165.

Assegurar: *assoprar*: podíamos a respeito destes verbos referir-nos ao que dissemos da figura prothese a pag. 169, ou meramente ao gosto que tinham os antigos de juntar a apposição *a* a muitos vocabulos que começam por consoante: — não devemos, porém ommittir que *segurar* é dos melhores Classicos, entre elles Barros, e tambem o usou o mesmissimo Vieira, cuja auctoridade o A. cita em contrario: *soprar* abona-se igualmente com auctores seguros. O A. logo na pag. immediata *in fine* nos dá um exemplo na suppressão da primeira syllaba *a* da palavra *avantagem*.

Bombear. Temos que fazer neste paragrapho um grande reparo: dá o A. a entender que não se ha de usar o verbo *esbombear*, postoque seja de Camões: com effeito este principe dos nossos poetas assim o traz na est. 90.^a do Canto 1.^o

Não se contenta a gente portugueza,
Mas, seguindo a victoria, estrue e mata;
A povoação sem muro e sem defeza
Esbombardêa, accende, e desbarata.

Como poderia dizer-se que o Camões quiz fazer mais cheio o verso, accrescentando aquella syllaba, vejam-se no Dicc. de Moraes os exemplos de tres preclarissimos prosadores, Barros, Goes, e Fr. Luiz de Sousa. — E' cousa singular que muitas vezes convém e allegam-se as auctoridades dos que são tidos por mestres da linguagem; n'outra occasião não fazem peso na balança de alguns criticos; não nos parece justa esta rejeição, quando o exemplo não fôr manifestamente contra razão, ou se não possa reputar erro typographico.

Borjaçote: se o vulgo chama a esta casta de figos vermelhos *berjaçotes* tem por si a auctorisação do Padre Lucena, e do sabio antiquario André de Resende, qualquer delles de mór valia que o versificador Manuel Thomaz.

Cancro: no sentido em que o traz o auctor, não aceitamos a sentença. — *Cancer* é um signo do Zodiaco, e por tanto um termo astronomico que se reputará technico, devendo conservar-se a feição latina. Quem quizer traduzir chame-lhe o signo do caranguejo. — Em *Classicos*, talvez que no citado *Vieira*, se acharão exemplos de *Cancer*. Vid. Fr. Bernardo de Brito. *Monarq. Lusitana*.

Carabina: não pode seguir-se a etymologia, porque a palavra *clavina* está por assim dizer-mos decretada, por ser a de que usa o Regulamento de Cavallaria.

Cavalhéro: é acastelhanar de mais a palavra *cavalleiro*, de que os escriptores antigos usaram: postoque, fazendo liquido um dos *ll*, queiram alguns com esta modificação denotar o homem bem creado e de bizarro porte, para differença do *cavalleiro* que servia no exercito.

Cerce: como diz o A. (applicando o verbo) *cortar cerce*, é frase genuina; mas neste caso é *cerce* um adverbio; se dissermos *cortar as pernas cerceas*, teremos um adjectivo que é de todos os *Classicos*.

Churma: o uso tem feito prevalecer *chusma*, que tem por si a auctoridade de *Lucena*, ainda quando se quizesse desprezar a onomatopea, que é mais significante na palavra *chusma*, para designar gente confusamente amontoada. Se a tomarmos para entender a tripulação dos navios, mais nos auctorizam os historiadores da India com o verbo *chusmar*, que se acha bem exemplificado no *Diccionario de Moraes*.

— *Constituente*: verdade é que temos *paciente* de *patiens*, *penitente* de *pœnitens*, mas tambem pronunciamos *pedinte*, *ouvinte*, que se derivam de *petens*, e *audiens*. — *Constituinte* é termo forense; ha logo a faculdade juridica que o auctorisa.

Cossario: os antigos tambem disseram muitas vezes, e por ventura com melhor derivação, *andar a corso*: logo *Corsario* é voz mais pura: *cossario* ou *cossairo* só diz hoje a plebe.

Curvidade: não vemos razão para usar esta em vez de *curvatura*; empreguem-se ambas segundo convier: e baste para defeza da segunda a palavra *quadratura*. Não me lembra encon-

trar em livros modernos de mathematica *curvidade*; e ha de se notar que nesta materia são os livros modernos os textos genuinos.

Decurso; *discurso*: com qualquer destas palavras exprimiam os Classicos o espaço ou successão de tempo: a maxima parte dos modernos só empregam nesta accepção a primeira, reservando *discurso* para *serie de raciocinios*: distincção em nosso entender bem adoptada.

Demonstrar: hoje dizemos *demonstrar*, como exige o rigor da etymologia latina.

Dependurar: engana-se o A. neste §, porque *pendurar* acha-se escripto pelos Classicos, assim em verso como em prosa, sem excepção de Vieira n'alguns logares.

Derrubar: são ainda mais numerosos os bons exemplos de *derrubar*: baste um de Camões: Lus. cant. 6.^o est. 37: —

Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derrubando.

O nosso A., grande apaixonado de Vieira, olhou só para as paginas deste grande escriptor, sem consultar outros igualmente illustres e benemeritos da lingua.

Desapegar: admira que se diga que não sabe fallar quem pronuncia *despêgo*! Então não soube fallar Vieira; veja-se este A. citado em Moraes na palavra *despêgo*. — Igualmente são Classicos *desprazer*, *desperceber* &c. E quando mais rasão não houvesse, tinhamos a liberdade de fazer a syncope, como deixamos notado a pag. 170. Combine-se o que escrevemos ahi com o que dissemos da Prothese na pag. 169, e na 176 verbo *assegurar*. — Igual é a semrasão a respeito do vocabulo *ajuntar*, a pag. 96.

Despedaçado: não é exacto que seja termo mais puro que *espedaçado*: abonam este muitas citações de bons prosadores, que os Dicc. trazem.

Desvariar: Temos por fim apontar os descuidos, escusamos accumular citações: veja-se esta palavra, e tambem *desvairar* nos Dicc. da lingua, e conhecer-se-ha que o ultimo verbo não é phantasia do vulgo.

Dissimulação: Aqui fortificaremos o juizo do A. com a sen-

tença do *Ensaio sobre Syn.* a pag. 192 tom. 2.^o — “A *dissimulação* não é odiosa como a *simulação*. A *simulação* é sempre um vicio; a *dissimulação* é muitas vezes util e pode ser dictada pela prudencia. Ninguém pode ser obrigado a manifestar a todos e em todas as occasiões os seus sentimentos; mas todos tem obrigação de não usar de falsas apparencias, com o presupposto de enganar os outros e de os induzir em erro.”

Empossar: *apossar-se* é tambem Classico; vid. as differenças entre este e *usurpar*, *invadir*, &c. a pag. 194 da 2.^a part. do *Ens. sobre Synon.*

Encavalgar: não prevalece o dizer do A. contra os Auctores que disseram *cavalgar*: muito aborrecemos palavras estiradas por maior numero de syllabas; fuja-se de as empregar quanto fôr possível; usem-se porem parcamente se a euphonia, a medida metrica, ou outra qualquer rasão imperiosa as requerer. Tal é nossa norma, que os prudentes seguirão.

Enojado: — que audacia chamar expressão plebea *anojado*, de que estão cheios os livros Classicos! Nós temos que o mais acertado (uma vez que não possuímos systema philosophico de linguaagem, e que talvez se não possa obter completo) será citar as auctoridades, á maneira dos compiladores dos vocabularios, e deixar a escolha ao gosto litterario do escriptor: — nunca proferir sentenças que as provas desmentem. — Já temos repetido que onde a força da inducção e analogia não obrigar, o melhor será consultar o uso; quando não, fique livre o prudente arbitrio.

Epitéto: a fraca auctoridade se encostou o A., não por ser de Jacinto Freire, mas porque a citação é de verso, onde a medida violentou talvez o poeta. Melhor fundamento teria achado em João de Barros, que na sua *Grammatica* frequentemente diz *epitéto*; mas ainda assim ha de predominar o uso constante dos doutos que (ao menos modernamente) dizem á uma *epítheto*, que na lingua grega significa o mesmo que na latina *adjectivo*, isto é o *aposto* ou *ajuntado* ao substantivo para modificar-lhe a significação.

Escuridade: cegou tanto ao A. a *escuridade* que não pôde lêr em Camões na Canção 3.^a estrophe 3.^a:

Esta é a luz, que arreda
 A negra escuridão do sentimento
 Ao doce pensamento.

Pela mesma cegueira rejeitou *obscuridade*, termo de bons escriptores, e que diz ainda mais que *escuridade*; abonado aliás pela filiação latina.

Exacção: reprova-se *exactidão*. Lemos no *Gloss. de Gallicism.* o seguinte. — “*Exactidão* do francez *exactitude*: d’antes diziamos *exacção*, que é mais Classico, e mais conforme com a analogia. Comtudo *exactidão* parece não desmerecer a preferencia, que hoje tem alcançado no uso vulgar, se quizermos evitar o encontro das differentes idéas que offerece o vocabulo *exacção* com o qual exprimimos a cobrança ou arrecadação de tributos, e talvez o rigor das cobranças fiscaes, assim como aos encarregados destas chamâmos *exactores*.”

Genebra: pouco pode a rasão do A. contra o universal uso em contrario. — Não podemos deixar de notar aqui um erro torpe, em que frequentemente cáe o vulgo dos nossos traductores do francez, que são como Deus sabe. Se pelo texto francez encontram a palavra *Genève*, vertem-na por *Genova*, em vez de dizerem *Genebra*: e quando acham *Gênes*, que é a verdadeira *Genova*, como não sabem o que façam, parece-lhes sair airosamente deste embarço, não traduzindo, mas repetindo na sua chamada lingua portugueza a mesma palavra *Gênes*.

E’ verdade que o erudito Joaquim José da Costa e Sá no seu *Diccionario Francez e Portuguez* — Lisboa 1784, caíu n’uma equivocação, talvez ainda mais reprehensivel, vertendo a *Gênes* por *Genebra*, e a *Genève* por *Genova*. Mas que não passou de equivocação, ou lapso de penna se colhe do outro seu *Diccionario Portuguez, Francez, e Latino*, Lisboa 1794, aonde verte exactamente *Genebra* por *Genève*, e *Genova* por *Gênes*; á 1.^a das quaes corresponde no latim *Geneva*, e á 2.^a *Genua*.

Genuflessorio: a verdadeira orthographia desta palavra, e em que todos concordam, por ser derivada do latim, é *genuflessorio*.

Humillimo : veja-se o que o A. deixou escripto na Reflexão 4.^a a pag. 13.

Illuso : ninguem com bom fundamento pode reprovar o participio passivo deduzido da indole da conjugação de seu respectivo verbo : neste caso está *illudido*, que procede do verbo *illudir* : *illuso* tambem é muito aproveitavel. Vid. o que dissemos nestas notas a pag. 165 e 166.

Iman : os cultos hoje pronunciam *íman*, accentuando a ultima syllaba só quando designam certos ministros do Alcorão.

Imigo : este § fica respondido a pag. 170.

Impunido : acabâmos de ver que não consente *illudido*, que é bem derivado ; e agora quer *impunido*, quando não usamos *impunir* ; e ao passo que rejeita *impune*, vocabulo latino, mui expressivo, necessario, e por isso frequente. Se tivesse rasão, deveriamos dizer *immunido* e não *immune*.

Inexhausto ; *inexhaurivel*. Como o A. não recebe a este ultimo, citaremos o seguinte logar do *Glossario* pelo Sr. D. Francisco de S. Luiz. — « Os nossos Classicos disseram sempre *inexhausto* ; mas *inexhaurivel* conforma com a analogia, é adoptado pelo uso geral, e já vem nos *Estat. nov. da Univ. de Coimb. t. 3.^o c. 1.^o n. 1*, aonde diz : — ainda que as sciencias mathematicas são tantas, e cada uma dellas de tão grande vastidão e *inexhaurivel* fecundidade &c. » — E pouco antes na mesma pag. fallando de *inesgotavel*, diz a mesma respeitavel auctoridade que — « é innovação, imitada por ventura do francez *inépuisable* Comtudo se parecer necessario, não é contra a analogia. Nós preferiremos sempre *inexhaurivel*. »

Jesu : cremos que o Sagrado Nome do Redemptor se ha de escrever como se lê na Biblia, e por isso diremos *Jesus*. O sabio P.^e Antonio Pereira de Figueiredo deu á luz um opusculo intitulado — *Breve demonstração de como em portuguez se deve escrever e pronunciar o nome de Jesus quando immediatamente se lhe segue o nome de Christo* — 1784 in 4.^o

Justiceiro, *justiçoso* : vejam-se estes dois vocabulos em Moraes, e ao mesmo tempo o *Ensaio sobre Syn.* no artigo 240, onde vem as citações de Vieira e Arraes que aclaram a materia.

Locotenente : adduz o A. o exemplo de *lugartenente* que tirou da *Monarq. Lusit.* e poderia citar outros, mas por demasiado aferro a Vieira prefere a primeira expressão. Os hespanhoes tambem escrevem *lugartenente*, e nós temos o mesmo habito, com a differença de substituir o *u* por *o* em rasão da etymologia latina, *locum tenens*.

Lumiar : muitos Classicos chamaram *limiar* á entrada ou soleira das portas, e por certo com bom fundamento no latim *limen*, *inis*, de que se fez o verbo expressivo *eliminar*. Outros com menos rasão escreveram *lumear*. Que antigamente se escrevia tambem *lumiar* não padece duvida, até porque assim é de ha muito nomeado um logar na estrada septentrional de Lisboa, a pouca distancia dos arrabaldes; como significando a palavra a entrada da cidade por este lado.

Mancheia : diz-se por maior facilidade de expressão; porque coherentemente deve dizer-se *mão cheia*; é o mesmo que *punhado*.

Manear : o mais seguro, quanto a nós, é pronunciar *menear* em qualquer das duas accepções apontadas, porque nos não parece, á vista dos auctores, bem estabelecida a differença que neste paragrapho se aponta.

Mensura : é termo puramente latino; pode servir n'algumas occasiões á disposição do escriptor habil, mas na linguagem corrente temos *medida*, adoptada pelo uso geral, e repetidissima nos Classicos; assim como o verbo *medir* que nasce do infinito *metire*. Foi um accesso de enthusiasmo antiquario no A. a força com que pertende a esmo e atravez rehabilitar o verbo *mensurar*, e o substantivo analogo.

Miude : é necessario notarmos neste logar que os antigos diziam *a miude* por modo adverbial, e que tambem empregavam a cada passo o adjectivo *miudo*, bem como os adverbios *miudamente*, *miudissimamente* (que é de Vieira) o superlativo *miudissimo*, e o diminutivo *miudinho*. — «Moraes na traducção do Compendio da Historia Portugueza usa do verbo *miudear* em logar de detalhar ou referir *pelo miudo*.» D. Francisco de S. Luiz. *Gloss.* verbo *Detalhar*.

Modorra : o exemplo do P.^o Chagas, de pronunciação viciosa

não é para se antepor aos melhores escriptores antigos, que sempre disseram *modôrra*: *madorna*, como aquelle escreveu, é erro da plebe.

Movel: seguindo a exacta derivação de *mobilis*, e a analogia de *mobilidade*, devia dizer-se *mobil*: o não seguir-se este preceito procede da pratica constante, que adoptou a primeira pronunciação. Applicaremos o epiphonema do A. na mesma pag. 107, linh. 29: *tanto pode o uso!*

Monicordio: pertende o A. seguindo Barreto achar uma das raizes deste nome no grego *monos*, (*um*); suspeitámos que se engana redondamente, porque o instrumento assim chamado (hoje em desuso) não tem uma corda só, senão muitas. Alem de que o mesmo em francez é *manichordion*, em hespanhol *manicordio* e *monacordio*. Em latim acha-se *monochordum*, immediatamente tirado do grego, mas significando um instrumento com uma só corda estendida, e escala, para se conhecerem os intervallos dos sons; por consequencia não é a especie de espinhêta a que chamavamos *manicordio*.

Mostra: *amostra* é igualmente Classico; é até de Vieira que o A. muito cita e acata.

Olivél: leam os curiosos os artigos *livel* e *olivél* no Diccionario de Moraes, e conhecendo a derivação deste ultimo termo e os muitos e bons exemplos em seu favor, pasmarão do como o A. o arremeçou para o entulho dos erros vulgares.

Ondado: e porque não ha de ser *ondeado*, se o verbo é *ondear* e não *ondar*? — Se Camões na canção 14.^a disse “cabello *ondado*” fez uma syncope; já no cant. 10.^o est. 132 dos *Lusíadas* poz o contrario.

Vê Tidore e Ternate, c'o fervente
Cume, que lança as flammis *ondeadas*.

Se tivesse dito *ondadas* ficava-lhe errado o verso.

Oppresso: a citação da auctoridade de Brito, neste paragra-pho, roborá o que dissemos a pag. 165.

Pardoso: achamos justa a observação do A. Note-se que o Dicc. de Moraes não traz *pardento*, sendo aliás palavra necessaria.

Prematica: não concordamos com o A.; quem sabe se erraria Jacintho Freire ou o seu impressor? — A lei sumptuaria, applicada a coarctar as demasias do luxo, chama-se em todas as linguas que conhecemos *pragmatica*; só os italianos lhe tiram o *g*, segundo usam em outras palavras.

Presepe: é de boa derivação; e quer deste modo, quer *presepio*, tudo significa manjadoura e estabulo de animaes, como pode ver-se nos auctores latinos e em alguns dos nossos: hoje não se diz senão para denotar o logar descommodo e humilde, agasalho de animaes, em que para começar seus soffrimentos quiz nascer o Deus Menino.

Paternal e paterno: a differença entre estes dois vocabulos acha-se devidamente estabelecida, segundo os principios ideologicos, que devem ser os reguladores das linguas, no *Ensaio sobre Synon.*, artigo 36.

Pretensor e pretendente: assentâmos que é melhor seguir o uso moderno, que adoptou *pretendente*, por ser mais etymologica, e naturalmente tirada do verbo respectivo, assim como de *pertencer* tiramos *pertencente*, de *produzir*, *producente* &c. E' um participio de presente; ninguem o pode contestar.

Primacia e primazia: não podemos assentir á distincção do A.: nem o exemplo de Vieira, que segundo o máu costume do seu seculo fazia jogo de palavras, vem para o caso.

Produtor: não é por certo melhor palavra do que *productor*; para nós basta ter esta menos uma syllaba. — Observemos de passagem que tem havido quem repare em se dizer *producto*: olhem os reparadores para o *Ensaio sobre Synon.* (que nos poupa citar outras auctoridades) e acharão a pag. 230 do 1.º vol. — Os *productos* das artes não são mais que combinações differentes dos materiaes, que cada uma dellas emprega &c.

Prosecução: é termo genuino; tambem *prosequição* tem auctoridade a seu favor, mas que ninguem segue. Dizer porem que *prosequimento* é erro, não pode tolerar-se, quando nos Dictionarios vulgares achamos exemplos em contrario: é nem mais nem menos o mesmo que desaprovar a palavra *sequimento*, absurdo em que ninguem cahirá.

Reção: *ração* é como deve escrever-se; o termo obsoleto, tirado da lingua callaica, era *raçom*.

Rédito: tanto val como *rendimento* ou *renda*; a distincção aqui apontada não tem fundamento.

Reposta: verdade é que antigamente assim escreviam: mas o destempero é tão manifesto, escrevendo-se *responder*, que ninguém depois de emendado o quererá resuscitar: — fique *reposta* para a variação feminina do participio do verbo *repôr*; e não se cogite de renovar archaismos sem tom nem som.

Sedento: ha neste § um engano mui notavel. — *Sedento* diz-se do que tem sede; *sedeúdo* é o animal que tem sêdas como o porco &c.: — portanto nesta ultima accepção disse Leonel da Costa, na versão de Virgilio: — *cabeça de um javalí sedeúdo*, e não podia pôr o adjectivo na significação de sequioso.

Sinalar, e não *assinalar*. Tantas vezes se nos offereceu occasião de fallar na apposição do *a* a certas palavras, que seria importunidade repetir o que dissemos: pelo que limitar-nos-hemos a dizer que *assinalar* tem por si (ao contrario do que affirma o A.) a abonação dos melhores Classicos: crêmos que para prova bastará o seguinte exemplo do escriptor mais aprimorado na lingua, Fr. Luiz de Sousa. — “Assim *assinadou* (Deus) o nascimento de S. Carlos Arcebispo de Milão &c.” — *Vida de D. Fr. Barthol. dos Mart.* liv. 1.^o cap. 1.^o

Surcar: é voz antiquada: devemos dizer *sulcar*, e o A. nos dispensou de apontar a etymologia.

Termentina: assim ordinariamente se pronuncia, segundo escreviam antigamente: mas não ha duvida que deve dizer-se *terebinthina*, por ser a resina que dimana do *terebintho*.

Troncar: parece que em rasão da etymologia, que o A. cita, devia ser *truncar*: mas tem prevalecido a primeira pronunciação, talvez porque dizemos *tronco* e não *trunco*.

Záfira: nem deste modo, nem com o genero masculino e começando tambem com *z*, como fez D. Francisco Manuel no lugar citado, se deve escrever esta palavra: significa ella uma pedra preciosa, os antigos escreviam *çafíra*; porem a sua recta orthographia é *saphíra* ou *safíra*.

orthographia e saphira ou safira.
 árida mangala sup ma
 ária preciosa, os antigos escreviam colina; porém a sua recta
 gai chado, se deve escrever esta palavra; significa ella uma pa-
 compoendo tambem como se D. Francisco Manuel no lo-
 que se não deve modo, nem com o genero masculino e
 cisco, talvez porquandiximos, troco e não franco.
 cita, devia ser troco; mas tem prevalecido a primeira pronun-
 tronca; parece que em tempo da etymologia, que o A.
 teoconica, por ser a reina que reina do terdinto.
 escreviam antigamente; mas não ha duvida que deve dizer-se
 Termatras: assim ordinariamente se pronuncia, segundo
 dispou de apontar a etymologia, esta set atad son arap; tot
 de vos antipudis; devemos dizer antica, o A. nos
 Fr. Barthol. dos Montalves, 1.º cap. 1.º
 cimento de S. Carlos Archbispo de Milão &c. — Vida de D.
 na lingua, Fr. Luiz de Sousa — Assim assimolow (Deus) o nas-
 prova bastará o seguinte exemplo do escriptor mais apromorado
 me o A. a abonação dos melhores Classicos: crómos que para
 nos a dizer que assimolow tem por si (o contrario do que alit-
 importunidade repetir o que dissemos; pelo que limitar nos he-
 casão de fallar na opposição de a certas palavras, que seria
 Sinalar, e não assimolar. Tantas vezes se nos offerceu oc-
 e não podis pôr o adjectivo na significação de seducioso.
 Colina, na versão de Virgilio: — cubera de um javali seducido,
 portado. — portanto nesta ultima accepção disse Leonel da
 se do que tem sede; sedendo é o animal que tem sedas como o
 sedendo; ha neste & um engano muito notavel. — Sedendo diz-
 cogite de renovar arcaismos sem tom nem som.
 para a variação terminia do particípio do verbo verda; e não se
 guem depois de emendado o quetera resuscitar: — fides verda
 o de tempo não são manifestos escrevendo-se responder, que in-
 Resposta: verda é que antigamente assim escreviam; mas
 aqui apontada não tem fundamento.
 Kétillo: tanto val como verdadeiramente ou verda; a distincção
 tirado da lingua castilica, era vocom.
 Resão: vacão é como deve escrever-se; o termo obsoleto

INDICE.

	Pag.
Reflexão 1. ^a — Sobre a verdadeira pronunciação de alguns nomes, que corre viciada pelo povo	5
Reflexão 2. ^a — Sobre alguns nomes que só tem singular ou plural, segundo os exemplos dos melhores Classicos	8
Reflexão 3. ^a — Sobre nomes que tem genero commum de dois ou duvidoso, ou que tendo-o certo não se lhes dá o verdadeiro.	9
Reflexão 4. ^a — Sobre a terminação de alguns superlativos	12
Reflexão 5. ^a — Sobre o uso de alguns adverbios e interjeições	14
Reflexão 6. ^a — Sobre a diversa terminação de alguns nomes diminutivos.	17
Reflexão 7. ^a — Sobre alguns participios, cuja pronunciação corre viciada	19
Reflexão 8. ^a — Sobre a pronunciação breve, ou longa, de algumas palavras, e nomes proprios.	20
Reflexão 9. ^a — Sobre os erros que se commettem na conjugação de alguns verbos	26
Reflexão 10. ^a — Em que, tratando-se de algumas figuras da dicção, se responde a algumas objecções que se porão á doutrina da Reflexão antecedente	32
Reflexão 11. ^a — Em que se discorre sobre as pronunciações sordidas e obscenas, procedidas da Cacophonia, das quaes muitos advertidamente não querem hoje fazer caso.	36
Reflexão 12. ^a — Vocabulario de palavras, que correm presentemente com pronunciações diversas.	38
Notas	155

INDICE

Pag.	ERRATA.		Reflexão 1. ^a — Sobre a pronunçação de
			alguns nomes, que corre rizada pelo povo . . .
			Reflexão 2. ^a — Sobre alguns nomes que se tem em
		Erros.	Emendas.
Pag. 17	lin. 21	sabem	se bem
" 36	" 8	cacephaton	cacophaton
" 87	" pen.	Gradulem	Gredelim
" 75	" antepen.	estortor.	estertor
" 78	" 23	Fartum	farthem
" 113	" 11	theologio	theologo
			Reflexão 3. ^a — Sobre o uso de alguns adverbios e in-
14			terjeções . . .
			Reflexão 4. ^a — Sobre a diversa terminação de alguns
17			nomes diminutivos . . .
			Reflexão 5. ^a — Sobre alguns participios, cuja pro-
19			nunçação corre rizada . . .
			Reflexão 6. ^a — Sobre a pronunçação breve, ou lon-
20			ga, de algumas palavras, e nomes proprios . . .
			Reflexão 7. ^a — Sobre os erros que se commettam na
26			conjugação de alguns verbos . . .
			Reflexão 8. ^a — Em que, tratando-se de algumas fi-
			guras da dicção, se responde a algumas objecções
32			que se porão á doutrina da Reflexão antecedente . . .
			Reflexão 9. ^a — Em que se discorre sobre as pronun-
			ciações sordidas e obscuras, procedidas da Cacopho-
36			nia, das quaes muitos advertidamente não pretem
			hoje fazer caso . . .
			Reflexão 10. ^a — Vocabulario de palavras, que cor-
38			rem presentemente com pronunçações diversas . . .
155			Notas . . .



COLLECCÃO DE INÉDITOS

PUBLICADOS

PELA

Sociedade Propagadora

DOS

Conhecimentos Ateís.

2.^o

COLLEÇÃO DE MÉDICOS

PUBLICADOS

PELA

Faculdade de Medicina

dos

Exercícios Práticos

2.

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA,

ESCRITAS

POR

FRANCISCO JOSÉ FREIRE,

PUBLICADAS COM ALGUMAS ANOTAÇÕES

PELA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

PARTE TERCEIRA.

Comprehende illustrações e additamentos ás Partes 1.^a e 2.^a



LISBOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

Rua Nova do Carmo N.º 39 — D.

1842.

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA,

ESCRITAS

POE

FRANCISCO JOSE FREIRE,

PUBLICADAS COM ALGUMAS ANOTAÇÕES

PELA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS ÚTIS.

PARTE TERCEIRA.

Compreheza illustrações e additamentos de Partes 1.ª e 2.ª.



LISBOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.
Rua Nova do Carmo N.º 39 - D.

1812.

REFLEXÕES

SOBRE

LINGUA PORTUGUEZA.

REFLEXÃO 1.^a

Em que se dá a ler um copioso Catalogo de antigas palavras portuguezas, para instrucção do principiante no estudo da nossa historia e litteratura dos primeiros seculos da Lingua.

Bem longe estavamos de acrescentar 3.^a Parte a este livro, pois que já o tinhamos prompto para as licenças dos tribunaes; porem dando-o a rever a um sincero amigo, que tem uma profunda erudição da nossa lingua, reparou-nos em algumas faltas que por omissão tinhamos commettido, e rogou-nos que, por serviço do mesmo escriptor principiante, para quem só escreviamos, quizessemos acrescentar á Obra uma 3.^a Parte, que servisse de illustração e additamento ás duas precedentes.

As faltas em que elle reparou dilo-hão as Reflexões seguintes: nesta só diremos que o seu primeiro reparo foi não termos feito menção de um grande numero de vozes antiquadas dos nossos primeiros seculos, tendo aliás

feito memoria de algumas que se antiquaram desde João de Barros até o Padre Vieira: que este catalogo, que elle pertendia, era necessario aos principiantes, pois que até o presente nenhum Auctor nosso tinha tomado tal empreza, exceptuando Bluteau, se bem que até o seu Vocabulario corre bem falto de semelhantes vocabulos.

Nós conhecendo o bom fundamento com que discorria na sua carta o nosso amigo, resolvemo-nos a acrescentar a Obra, e satisfazer aos seus reparos, illustrando com mais exemplos e doutrinas varios pontos, que nas Reflexões das duas Partes ou se tinham omittido, ou levemente tocado. Vamos a satisfazer ao primeiro reparo, mendigando pelos Auctores os termos dos primeiros seculos da nossa Lingua, os quaes hoje ignora a maior parte da gente quando os encontra nos nossos livros antigos, e nisto faremos a muitos não leve serviço, especialmente aos que acrescentarem o Diccionario de Bluteau.

Abarca, calçado rustico dos nossos antigos montanhezes. Na Malaca Conquistada se acha usado, Liv. 6. est. 3. diz o poeta: «Igualaes as tiaras co'as abarcas.»

Abarregado, *abarregamento* e *abarregar-se* significava o mesmo que hoje *amancebado*, *amancebamento* e *amancebar-se*.

Abarroado. Usavam os antigos deste nome para significarem *teimoso*, *pertinaz* e *fixo* na sua opinião.

Abbadada [igreja] se dizia antigamente aquella freguezia, cujo parochó era abbade.

Abbade até o tempo d'El-Rei D. João 1.^o significava o mesmo que hoje *confessor*, e assim se deve entender a Gomes Eannes de Azurara quando usa desta palavra.

Abesso: o mesmo que *sem-rasão*. Egas Moniz nos versos á sua dama: «Nom farom estes meis olhos tal abesso»

Abilhar, que se acha em escripturas antigas, significava o mesmo que significou depois *ataviar*, e hoje *enfeitar*.

Abolar: o mesmo que hoje *amolgar*. Acha-se em varios livros antigos, e ainda Camões usou deste verbo no cant. 3. est. 51. Não o duvidou seguir Gabriel Pereira na sua *Ulyss.* cant. 6. est. 44.

Abrego: assim chamavam ao vento do meio-dia, que vem de Africa e corre para o poente. Ainda usou deste termo o Auctor da *Malaca Conquistada*, Liv. 2. est. 78.

Abutamar: *esconder e afogar*. Aulegraphia de Jorge Ferreira, pag. 29: «Tendes logo outro para *abutamar* todos esses» &c.

Açacal: coisa que servia de acarretar agua. Usou desta palavra Barros na *Decad.* 2. pag. 48, dizendo: «Bois *açacaes*» &c.

Acarão: o mesmo que *junto* ou *a par*. Acha-se na *Grammatica Portugueza* de Fernão de Oliveira, cap. 36.

Acarrar: *empregar*. Carta de Egas Moniz: «Mei jazigo e mei amar ambos *acarre*» &c.

Acatar: o mesmo que hoje *honrar* com respeito. *Acatamento* ainda presentemente se usa.

Acatasol: tecido fino e lustroso de que usavam os antigos. Delle vem a palavra *acatasolado*, que se acha na *Vida* de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 262, col. 3., dizendo: seda *acatasolada*.

Aceiro: o mesmo que hoje *aço*. Usou-a Brito na *Mon. Lusit.* tom. 1. pag. 172 col. 3.

Acendalha: valia o mesmo que hoje aparas de carpinteiro, garavatos, palhas, e outras semelhantes materias combustiveis. Acha-se nos *Dialog.* de Fr. Heytor Pinto, part. 2. pag. 250.

Acendrado: o mesmo que *apurado* e *afinado* no fogo: acha-se em antigos poetas: hoje diz-se *acrisolado*.

Acepilhar: o mesmo que *alizar* ou *bornir* alguma materia. Diziam tambem *acepilhador* e *acepilhadura* no significado de *raspadura*.

Achadégo: o mesmo que *achado*: acha-se nas Ordenações do Reino.

Achadégo: o mesmo que *alviçaras* ou premio por alguma cousa achada.

Achanar significava o mesmo que *fazer facil* e *alhanar*. Usou-a Brito na Monarchia Lusit. tom. 1. pag. 134.

Acimar acha-se em muitas escripturas antigas, e significava *acabar*.

Acintemente ou *cintemente*, que se acha em muitos antigos, diz Duarte Nunes de Leão que significava o mesmo que *scientemente*.

Açodado: o mesmo que *muito apressado*, ou tambem *perseguido*. Ainda João de Barros usou desta palavra na Decad. 3.^a pag. 214, e com o seu exemplo não teve duvida D. Francisco Manuel de usar tambem della na Carta de Guia de Casados, pag. 4. Desta voz deduziam igualmente os antigos *açodamento* por *pressa* ou *perseguição*.

Açodar-se: o mesmo que *anhelar* e *apressar-se*. Usavam tambem de *açodamento* e de *açodadamente*.

Acompadrado: o mesmo que *amigo intimo*. Acha-se em Fernão Lopes, e ainda em Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. pag. 159.

Acontiado em ampla significação valia antigamente o mesmo que *subdito* ou vassallo d'El-Rei. Depois significou tambem *fidalgo*, que por mercê regia possuia castellos ou villas. No reinado de D. Affonso 5.^o chamava-se vassallo *acontiado* a todo aquelle que recebia d'El-Rei uma certa contia de dinheiro para o servir em tempo de guerra.

Açorado: *summamente desejoso*. Usou-o Faria na Font. de Aganip. Liv. 1. cant. 5. sonet. 68. Os antigos diziam *açodado* também neste sentido.

Acoroçoado e *acoroçoar*, que se encontra nas nossas antigas chronicas, significava o mesmo que *animado* e *animar*.

Acossar-se: o mesmo que andar um tanto como o seu companheiro. Esta significação é de Barbosa no seu Diccionario.

Acostamento. Achamos em escripturas antigas *acostamento* de fidalgo, e valia o mesmo que *soldo*, *salario* ou *moradia*.

Açotea: o mesmo que *eirado*. Usou-o Sá de Miranda nas suas Eclogas, e ainda o traz Cardoso no seu Diccionario.

Açoutar: o mesmo que *infamar* e *tachar* de infamia, segundo Cardoso no seu Diccionario Vulgar. Diziam também *açoutamento* e *açoutador*.

Adail: cabo dos nossos exercitos antigos; que encaminhava a soldadesca por caminhos encobertos e não trilhados. Governava aos almocadens e almogavares, gente destinada para conduzir com segurança o exercito por terras inimigas.

Adarvado: o mesmo que *murado*; e *adarvé* o mesmo que *fortaleza* ou castello. Neste sentido os usou um nosso antiquissimo poeta, dizendo: «E Gibraltar maguerque *adarvado*» &c.

Adentado [termo de armaria] é tudo aquillo que leva ao redor algumas pontas: e assim dizem: banda de prata *adentada* &c.

Adestro: cousa que os grandes senhores levavam por estado em sua comitiva; e assim diziam os antigos, cavallos *adestro*, e não *adestra*, como hoje dizemos; andas *adestro*, andor *adestro* &c.

Adiantado: antiga dignidade em Portugal e Castella, assim militar como civil. Na milicia valia o mesmo que hoje *General*, e nos tribunaes o mesmo que *regedor das justicas*. Na 3.^a part. da Mon. Lusit. pag. 83 se diz que os antigos tomavam tambem a palayra *adiantado* por *triumfador*.

Adoba: especie de grilhão ou prisão de ferro feito á maneira de um *ladrilho*. Acha-se esta palayra na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o pag. 78, e ainda a usou Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, dizendo *adobe* e não *adoba*.

Adrede: o mesmo que *de proposito*. Acha-se a cada passo nos Auctores antigos.

Adregar valia o mesmo que *acontecer*. Achamo-la em varias escripturas do reinado d'El-Rei D. Diniz.

Adua: certa gente plebea, que era em tempos antigos obrigada ao reparo de muros e castellos de villas e cidades do reino.

Adur: o mesmo que *velhacaria* ou mal. Usou-a Fernão Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o part. 2. cap. 193.

Aduxar: o mesmo que *trazer*. Acha-se nos antigos versos que transcreveu Miguel Leitão na sua Miscellanea: « De Cepta *aduxeron* ao solar de Espanha. »

Afan: o mesmo que *trabalho*. Veja-se a Duarte Nunes na Origem da Lingua Portugueza, onde prova que deste termo é que se formou o verbo *afanar-se*, e o participio *afanado*.

Afanar valia o mesmo que *trabalhar* com demasiada ancia, força e cuidados. Era verbo deduzido de *afan*, que significava *nimio trabalho* e lida.

Aficamento: o mesmo que *rasão forçosa* ou aperto. Lopes, Chron. d'El-Rei D. João 1.^o part. 2. cap. 150. Havia tambem o verbo *aficar*, que se acha na antiga Vi-

da do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, pag. 73. col. 2.

Aforada [cousa] o mesmo que *opinada*. Ainda se acha em Fr. Luiz de Sousa.

Afornado: o mesmo que *á ligeira*. Acha-se em Damião de Goes, Chron. cap. 64: «Partiu El-Rei de Lisboa *afornado*» &c.

Affornado parece que era o mesmo que *apressado*, pelo que se colhe da Vida do Condestavel, pag. 56.

Afreimado: o mesmo que *colerico*, e não *fleumático*, como devêra significar, e assim diziam: Estás mui *afreimado*, por *estás muito colerico*.

Agorentar: o mesmo que *arredondar* alguma cousa. Aulegr. na pag. 5: «*Agorentada* e *cerzida*.» Também significava *diminuir*, e diziam: «*Familia agorentada*.»

Aguião: o mesmo que *vento norte*. Acha-se com esta significação em Sá de Miranda, e também Iha dá Jeronimo Cardoso.

Aguçã: o mesmo que *pressa*. Diversas vezes se acha na antiga Vida do Condestavel, pag. 54, 65 &c.

Agumia: faca revirada na ponta á maneira de foice. Ainda se acha em Barros na Decad. 2. pag. 31.

Al: o mesmo que *outra cousa*. Hoje ainda o usam os *escrivães* nos depoimentos das *testemunhas*. Em Sá de Miranda é mui frequente o uso desta palavra.

Alagar: o mesmo que *dissipar*; e assim diziam: *alagar* os bens, as herdades &c., como diz Cardoso no seu Diccionario.

Alamia: ornato pertencente aos *jaezes* do cavallo. Ainda se acha na Historia dos Bispos do Porto, pag. 29.

Alardo: o mesmo que *resenha* de soldados. Hoje ainda o dizemos no sentido figurado, servindo de *synonimo* a ostentação.

Alarve: davam este nome a todo o homem montanhez, e neste sentido é que se ha de entender o uso que fez Gil Vicente deste termo.

Alçar-se: algumas vezes valia o mesmo que *rebellar-se*, como diz Zurara na Tomada de Ceuta, segundo Leitão na sua Miscellanea.

Alfagem: cirurgião. Foi vocabulo que tiramos do antigo castelhano, e deixado pelos arabes.

Alfageme: aquelle que guarnecia as espadas. Acha-se em muitas escripturas antigas.

Alfaqueque: significando o mesmo que *paisano* ou correio. Lê-se na Chronica d'El-Rei D. Duarte pag. 28.

Alfaiado: o mesmo que *ornado* com ricos moveis. Acha-se em Damião de Goes na Chron. d'El-Rei D. Manuel, pag. 43.

Alfoncim: moeda de prata, que mandou lavrar El-Rei D. Affonso 4.^o Valia nove soldos.

Algara: certa partida de soldados de cavallo, que sahia a fazer correrias. E' termo que se acha em as nossas antigas Ordenanças.

Alhur: antigo adverbio, que valia o mesmo que *em outra parte*. Veja-se o tom. 5. da Mon. Lusit. Liv. 16. cap. 35. pag. 69.

Alhurhuquerque: o mesmo que *onde quer que*. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 69.

Alifase: cousa pertencente a cama, segundo se colhe do Testamento da Rainha Santa, que anda na *Alcobaça Illustrada*.

Allivar: o mesmo que *socegar*. Usou-o Sá de Miranda no sonet. 24.

Allemanisca: cousa de *Allemanha*. Foi muito usado por Damião de Goes, e o traz tambem Cardoso no seu Diccionario.

Alló: o mesmo que *lá*. Veja-se o tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 192 e 300, col. 2.

Almexia: no poeta Affonso Giraldes se acha que era um certo signal que traziam em Portugal os mouros nos vestidos, quando não usavam do seu traje, e isto por lei d'El-Rei D. Affonso 4.^o

Almilha: véstia, que se trazia debaixo do jubão e sobre a camiza. E' palavra frequente nas escripturas anteriores ao reinado d'El-Rei D. Manuel.

Almocovar: antigo cemiterio dos mouros em Lisboa no bairro da Mouraria. Acha-se nas nossas antigas Chronicas, especialmente na d'El-Rei D. Pedro 1.^o

Almofrexe, de que ainda usou Barros na Decad. 4. pag. 331, era uma especie de *mala* ou *saco*, em que se levava a cama.

Almogavere, segundo Zurara no livro, Tomada de Ceuta, cap. 15, tambem significava *ladrao* salteador dos que fugiam da guerra.

Alquebrar é termo de marinhagem, e significava o entrar a render-se e a dobrar-se as cintas do costado da nau, ou por peso demasiado, ou por força de tormenta. Ainda João de Barros usou desta palavra na Decad. 2. pag. 86.

Alquicé: panno de filete branco, com que se cobrem os mouros. Os antigos tambem escreviam *alquicer*, e desta pronunciação usou Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, Liv. 4. pag. 211.

Abrotar: o mesmo que *escarnecer*. Lê-se em muitos livros antigos, e ainda se acha na Vida do Irmão Basto, pag. 99.

Altamia: cousa á maneira de vaso, em que antigamente se lançava qualquer liquido. Usou-o o Auctor da Arte da Caça, pag. 62.

Altirna: vestidura de alguns sacerdotes da india. Mendes Pinto, pag. 207.

Amadigo era o mesmo que familia de lavradores, patrocinada por algum fidalgo, e por isso livre de muitos tributos. Provinha este privilegio e patrocinio de terem os ditos lavradores creado em sua casa algum filho legitimo do tal fidalgo. Este mesmo nome davam tambem os antigos áquellas herdades ou casaes que estavam debaixo da protecção de algum senhor de terras visinhas, pelo mesmo motivo da creação de algum filho seu. El-Rei D. Diniz tirou por especial Decreto estas honras de *amadigos*. Veja-se o tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 158.

Amágo: o mesmo que *ameaça*. Acha-se nas poesias de Gil Vicente, e no Cancioneiro de Resende em diversos logares.

Amalhar valia o mesmo que *domesticar*. Aulegraphia, pag. 43: «Anda tão de levante, que não a posso *amalhar*.»

Amamentar: o mesmo que *dar de mamar*. Usava-se este verbo até o reinado d'El-Rei D. João 2.^o Era termo popular.

Amantelada [cidade]. O mesmo que cercada de muros. Hoje ainda usamos do seu contrario *desmantelada*.

Amercear-se: o mesmo que *compadecer-se*. Acha-se na Vida d'El-Rei D. João 2.^o cap. 151.

Amo: o mesmo que *aio*. Acha-se em muitos papeis antigos do Reinado d'El-Rei D. Diniz.

Amornetado: o mesmo que *frouxo* ou *deseconfiado*. Aulegraphia, pag. 1.^a verso: «Ando de rebugo, a uso de galantes *amornetados*» &c.

Amouco: homem despresador da vida, expondo-a a certo e evidente perigo. Usaram deste termo os escriptores das cousas da India.

Anaçar [as aguas]: o mesmo que *revolve-las* com força. Barros na Decad. 2. pag. 187 disse: «Quando os nortes tezos lhe *anaçam* as aguas de baixo para cima.»

Andido: o mesmo que *fraco*. Achamos este termo tirado do antigo castelhano em uma instrucção feita para o infante D. Luiz.

Andrajo: o mesmo que *farrapo* ou pedaço velho de algum panno. E' usado por Fernão Mendes Pinto e outros da mesma idade, que tambem diziam *andrajoso* por *esfarrapado*.

Andurriaes: logares trilhados por onde anda muita gente. Acha-se em Sá de Miranda na Eclog. 2. n. 9.

Annojo: animal de um anno. E' termo mui frequente em os nossos antigos escriptores.

Ante com ante, que traz Cardoso no seu Diccionario, queria dizer o mesmo que *mui ligeiramente*.

Anteviso valia o mesmo que *advertido*. Achamo-lo em uma carta, escripta pelo bispo D. Garcia de Menezes.

Anuduva: serviço que antigamente se fazia, trabalhando nas cavas e muralhas dos castellos. Mon. Lusit. tom. 5. liv. 16. cap. 19.

Aosadas: o mesmo que *abundantemente*. Acha-se em uma carta do duque de Bragança, D. Fernando, para El-Rei D. João 2.º Usou-a tambem Jeronimo Cardoso.

Apostemar-se: o mesmo que *agastar-se*. Anda no Diccionario de Barbosa.

Apostoligo valia o mesmo que *Papa*, como bem prova a Mon. Lusit. no tom. 5. pag. 148.

Apremar: o mesmo que *opprimir* e *sujeitar*, segundo Barbosa e Cardoso em seus Diccionarios. Diziam tambem os antigos *apremador* por *oppressor*.

Aqueecer: o mesmo que *succeder*. Lopes na Chron. d'El-Rei D. João 1.º part. 1.ª cap. 184.

Arandela: defesa de que usavam os antigos soldados na mão direita. Era á maneira de funil, e pregavam-na no grosso da lança ou massa.

Aravia: aos termos e expressões que não se entendiam chamavam os antigos fallar por *aravia*. Aulegraphia, pag. 79: «Ninguem me falle *aravia*».

Arbim: tecido rustico de que usavam os antigos plebeus. Acha-se na Historia dos arcebispos de Braga, part. 2. pag. 334.

Ardego: o mesmo que *fogoso*. Acha-se muitas vezes na Chronica d'El-Rei D. João 1.º, e no Cancioneiro de Rezende.

Argel, segundo Barbosa no seu Diccionario, dizia-se de pessoa com pouca ventura.

Argulhoso: o mesmo que *industrioso*, e tambem *diligente*, segundo os nossos antigos vocabulistas.

Arimono, conforme o Auctor da Vida do Condestavel, pag. 102, responde a *cadeira* coberta e fechada, de que se serviam os antigos.

Armatoste: engenho de que usavam os antigos para despedir as béstas. Veja-se a Brito na Mon. Lusit. tom. 1. liv. 7. cap. 28.

Arminhado [termo de armeria] é o campo do escudo, composto de pelle de arminho.

Arnez em rigorosa significação antiga era toda a armadura de ferro, que cobria ao soldado desde a cabeça até os pés. Veja-se a Faria, commentando o cant. 6. da Lusitada, est. 58.

Arraial: palavra festiva, com que antigamente os soldados acclamavam aos reis de Portugal, e valia o mesmo que hoje *Real! Real!* Monarchia Lusitana, tom. 7. pag. 214.

Arraiar: o mesmo que *ornar*. Acha-se em alguns

poetas do Cancioneiro de Rezende, os quaes diziam tam-
bem *arraiado* por *ornado*.

Arraias: o mesmo que *raiano*, isto é, que vive na
raia de algum reino. Era termo mui usado no tempo
d'El-Rei D. Diniz.

Arredo: o mesmo que *longe*, e della vem *arredio*,
que ainda hoje se usa.

Arrefentar: o mesmo que *embruxar* alguma crian-
ça. Usou-o Sá de Miranda nas Eclogas, pag. 43.

Arremeção: chamavam á *lança de arremeço*. E' ter-
mo mui frequente em nossas Chronicas. « Quatro *arreme-
ções* lhe pregou na porta » diz Zurara na Tomada de Ceuta.

Arremangar: o mesmo que *cingir por baixo*. Diziam
tambem *arremangado* por *cingido*.

Arrepeso: o mesmo que *convertido*; e daqui vem
dizermos nós ainda hoje *arrepellido*.

Arrevezar: o mesmo que *vomitar*. Ainda se acha em
Barros na Decad. 1.^a pag. 49.

Arriel: ornato de ouro com que antigamente as mu-
lheres baixas ornavam os dedos e tambem as orelhas.
Formava-se de varios anneis de fio de ouro, que davam
muitas voltas, e tomavam metade do dedo.

Arruela [termo de armeria]. Na figura redonda é o
mesmo que *besante*; na materia não, porque *besante* é
sempre de metal, e *arruela* não é preciso que seja desta
materia. Tambem diziam *roel* e *roeis*.

Arteiro: homem *enganador* e *doloso*. Acha-se nas
poesias do Cancioneiro de Rezende.

Ascuso: o mesmo que *segredo*. Só o achamos em Za-
cuto Lusitano.

Asinha, adverbio: o mesmo que *ligeiramente* e *com
pressa*: é mui frequente assim na prosa como no verso
do seculo 16.^o

Asmar: pensar ou amar. Egas Moniz na Carta á sua Dama: « *Asmade-me*, se queredes » &c. Tambem diziam *asmamento* por *consideração*.

Assêo: bom geito para alguma cousa. Diziam tambem *asseoso* e *asseosamente* por *geitoso* e *geitosamente*, isto é, habil e apto para algum ministerio.

Assomada: o mesmo que *logar muito alto*. Usou-o Sá de Miranda na Satyra 5. n. 12.

Assomo: o mesmo que *apparencia*. Assim o achamos nesta significação na Malaca Conquistada, Liv. 7. est. 85.

Atagantar, que traz Cardoso no seu Diccionario, dá-lhe elle em latim a significação de *obtundo* e *fatigo*.

Atempar [antigo termo forense]: o mesmo que *conceder tempo* para as appellações se metterem no Juizo superior. Vid. Orden. Liv. 3. tit. 69. cap. 5.

Atermar [palavra forense]: o mesmo que *fazer termo*. Duarte Nunes já dá este verbo por pouco usado.

Atimar era o mesmo que *emprehender*, segundo Faria na Introduccão ás Odes de Camões, pag. 82.

Atimar: o mesmo que *acabar*. Acha-se em uns antiquissimos versos allegados por Miguel Leitão na sua *Miscellanea*: « Uma *atimarom* prasmada façanha » &c.

Atramar: o mesmo que *atinar*. E' termo mui frequente no Cancioneiro de Rezende.

Avir: o mesmo que *acontecer*. E' mui vulgar nos escriptos do seculo 15.^o e 16.^o

Aviventar, que hoje significa *prolongar a vida*, significava antigamente *espertar* e dar viveza a alguém.

Bacinete: antiga armadura de ferro, defensiva da cabeça, e semelhante a um chapéu. Acha-se na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o

Bailheiro: o mesmo que *ligeiro*, como se lacha em

Fernão Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o, part. 2. cap. 135.

Baixas: o mesmo que *más rasões*, ou tambem *desigualdades*. Aulegraphia, pag. 112 verso: « Passamos grandes *baixas*; eu ás *boas*, e elle ás *más* » &c.

Balona, segundo Bluteau, era um ornato no homem, semelhante ao que hoje chamamos *bacalhau* ou *volta*. Cahia para traz sobre os hombros. As antigas mulheres usavam tambem della com guardinfantes. Chamavam tambem *balona* a uns calções com folhos largos e franzidos, que se atavam por baixo do joelho.

Banco de pinchar [termo de armeria] todos sabem que é divisa dos infantes de Portugal, mas muitos ignoram a rasão desta *divisa*. Antigamente só os reis e o principe se assentavam em cadeiras nos actos publicos, e os infantes em bancos, cujo assento era distinctivo de precedencia aos mais senhores e nobreza do reino, por isso o poseram por divisa em suas armas. Nos infantes e principes o banco era de ouro, e nas infantas e princeza de prata. *Pinchar*, em antiga linguagem, valia o mesmo que *expulsar com violencia*; e para denotarem que os infantes precediam por direito nos assentos a qualquer vassallo, e o expulsavam de toda a precedencia, disseram os antigos *banco de pinchar*. Veja-se a Francisco Soares Toscano na Dedicatoria ao livro, Parallelo de Principes.

Banda [termo de armeria] é uma peça que representa o talim de cavalleiro, que se lança do alto do angulo direito do escudo á parte esquerda que lhe fica opposta no fundo do *escudo*. Veja-se a Bluteau, verb. *Escudo bandado*.

Bandeiro, de que usa o Auctor da Aulegraphia, significava o mesmo que hoje *parcial*. Foi termo tirado do antigo castelhano, que dizia *vandero*.

Barafustar, verbo de que ainda usou diversas vezes João de Barros, quer Duarte Nunes que significasse o mesmo que *reluctar*. O Padre Bento Pereira diz que val o mesmo que no latim *præripere*.

Barbote: parece que era a parte do capacete que cobria as barbas. Esta é a intelligencia que dá Bluteau a esta palavra, que se acha na Chronica d'El-Rei D. João 1.º pag. 349.

Barbuda: moeda antiga d'El-Rei D. Fernando, da qual trata Severim nas Noticias de Portugal, pag. 179, e o Padre Sousa na sua Historia Genealogica da Casa Real Portugueza.

Bargante: o mesmo que *vadio*, *vagabundo* e *ocioso*. Acha-se muitas vezes nas Comedias de Gil Vicente.

Baroíl: assim pronunciavam os antigos *varonil*, e ainda Barros na Decad. 3. pag. 85 usou desta pronunciação.

Barrachel: antigo official da milicia, que tinha a seu cargo buscar pelos caminhos os soldados desertores, e traze-los presos ao preboste general.

Barrado [termo de armeria]: assim chamam ao escudo atravessado de *barras*, isto é, de peças contrarias ás chamadas *bandas*. Vide *Banda*.

Barregão: o mesmo que *amancebado*; e *barregãa* o mesmo que *concubina*; porem em tempos mais antigos significava homem *esforçado*, e mulher que estava na flor dos annos, como diz Duarte Nunes no Tratado da Origem da Ling. Portug. pag. 49.

Barruntar: o mesmo que *imaginar* ou *suspeitar*, e não *basofiar*, como querem alguns pouco instruidos na nossa antiga linguagem.

Barruntes: o mesmo que *espias*. Diz Barganza nas suas Antiquidades de Hespanha, que tambem os antigos portuguezes usavam deste termo,

Bastida: uma como torre de madeira, igual ou mais alta que o castello, da qual se atiravam as béstas na antiga milicia. Usou-a Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o part. 1. cap. 64.

Besante [termo de armeria]: peça de ouro ou prata, redonda e chata, como moeda que não é cunhada.

Betar: o mesmo que hoje *matizar*. Sendo esta palavra mui antiga, ainda se acha na Corte na Aldeia; pag. 241.

Betar: o mesmo que *imitar*, ou fazer uma cousa conforme a outra. Aulegraphia, pag. 17: « Não é possível *betarmos* cores tão differentes.

Bisdono se acha em Sá de Miranda, e, segundo Bluteau, parece que valia o mesmo que *bisavô*.

Bocete: peça pertencente ás antigas armas brancas. Era palavra inda usada no tempo de João de Barros, que diversas vezes a traz nas suas Decadas.

Bragueiro: compostura das mulheres humildes, a que hoje chamamos *manter*.

Britar: o mesmo que *quebrar*. « *Britou* a verdade » disse nesta significação Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o part. 2. cap. 151.

Brivia: o mesmo que hoje *Biblia*. Veja-se o Prologo do tom. 1. da Mon. Lusit., onde diz: « Uma *brivia* de mão, ganhada a El-Rei de Castella » &c.

Broslar: o mesmo que *bordar com agulha*. Diziam tambem *broslador* e *brosladura* por *bordador* e *bordadura*.

Burato: panno de seda fina, de que antigamente usavam as mulheres para mantos &c.

Buz: o mesmo que *calla-te já*. Usou-o Sá de Miranda e Gil Vicente.

Cá: o mesmo que *porque*. E' usadissimo em nossas Chronicas até o reinado d'El-Rei D. João 2.^o

Caçapo e *caçapinho*: o mesmo que *laparo*. Delle formavam o verbo *caçapar*, por caçar ás lebres, ou apanha-las com engenho.

Cacha: o mesmo que *engano* e fingimento. Veja-se a *Mon. Lusit.* tom. 1. pag. 222.

Cachar: enganar. *Aulegraphia*, pag. 6 verso: « Não quer ella mais para *cachar* a seu salvo » &c.

Cadimo: o mesmo que *velho* e exercitado no seu officio: commummente applicava-se a ladrão, mas tambem ha exemplos de se applicar a outras pessoas.

Caimão: segundo o Auctor das Antiquidades de Lisboa, pag. 100, chamavam os antigos ao *crocodilo*.

Cainho: o mesmo que *parco*. Diziam tambem *cainheza* por *parcimonia*.

Cajam: *desgraça* ou *ocasião perigosa*: acha-se esta palavra na *Chronica d'El-Rei D. João 1.º* pag. 348. Tambem a usou Barros na *Decad 1.* pag. 27. col. 4.

Candil: antiga moeda de Ormuz, dez das quaes valiam 150 réis portuguezes. E' palavra que se acha frequentemente na *Historia da India*.

Capapelle: especie de vestido, de que se usava no principio do reino, como diz Oliveira na *Grammatica Portugueza*, cap. 36.

Capellina: era uma armadura de cavalleiro. Acha-se na *Mon. Lusit.* tom. 6. pag. 197.

Capirote: cabello pequeno de que usavam antigamente as donzellas e meninos. Não ha muito que se antiquou esta palavra, pois ainda se acha nas *Obras de Francisco Rodrigues Lobo*.

Caroavel: o mesmo que *amado* ou *amigo* de alguma cousa.

Carrega [nome]: o mesmo que *carga*, segundo Cardoso no seu *Diccion*. Achamo-la usada por Damião de Goes.

Carulha: gralha. Carta de Egas Moniz, que transcreve Leitão na sua Miscellanea: «*Carulhas* me fagaom cego» &c.

Castival: o mesmo que *alcaide* de um castello. Acha-se em Faria no tom. 3. da Europa Portugueza, pag. 378, dando-lhe esta significação.

Casteval: o mesmo que hoje *alcaide-mór*, e não *castelão*, como alguns entendem. Veja-se a Miscellanea de Leitão, pag. 456: «Da *Betica* almina, e o seu *castival*.

Cata: o mesmo que *busca*. Usou-a João de Barros, e ainda hoje em algumas provincias do reino se não antiquou.

Catar, alem da significação de *respeitar*, significava tambem *attender* e ver com reflexão, como nos diz Duarte Nunes de Leão.

Catasol: antiga droga de lã, á maneira de camelão, porem mais fino e lustroso.

Cava: o mesmo que *manceba* de algum homem. Leitão, Miscellanea, pag. 456: «O rouço da *cava* emprio de tal sanha» &c.

Cavidar-se: o mesmo que *acautelar-se*. Do mesmo modo diziam os antigos *cavidoso* por *acautelado*.

Celada: especie de elmo ou capacete, segundo Severim nas Noticias de Portugal, pag. 179.

Centafolho valia o mesmo que *interior*, segundo se colhe da Aulegraphia na pag. 3, onde diz: «Eu revolvo melhor o *centafolho* do mundo» &c.

Chapim: não era nas mulheres calçado delicado, como muitos entendem, mas calçado de quatro ou cinco solas de sobreiro, a fim de parecerem mais altas. Veja-se a Duarte Nunes na Origem da Lingua Portugueza.

Chefe, como termo da armeria, é a parte superior e cabeça do escudo. Veja-se a Nobiliarchia Portugueza.

Cinquinho: antiga moeda do valor de cinco réis, como diz Severim nas Noticias de Portugal, pag. 184.

Claveiro: dignidade na ordem militar de Christo: era o cavalleiro que tinha as chaves do convento, quando os cavalleiros viviam em communidade. Depois significava o que tinha a chave do cofre dos votos.

Cocedra acha-se no testamento da rainha santa, e parece que significava peça pertencente a cama.

Codo: o mesmo que *geada*, segundo Agostinho Barbosa no seu Diccion. Tambem a achamos no Auto dos Pastores.

Coita: o mesmo que *pesar* e *afflicção*. Acha-se em Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o part. 2. cap. 151.

Compegar: o mesmo que *comer pão* com alguma outra cousa, segundo diz Oliveira na Grammatica Portugueza, cap. 36.

Compoedor: o mesmo que *auctor* de algum livro. Ainda usa desta palavra João de Barros na Decad. 3. pag. 11.

Condessilho: o mesmo que *deposito*, segundo Duarte Nunes na Origem da Ling. Portug. pag. 112.

Contia: o mesmo que *porção*, que davam os nossos reis aos cavalleiros que serviam no paço ou na campanha. Veja-se a Chronica d'El-Rei D. Pedro, cap. 10.

Contracotiado [termo de armeria] diz-se quando no escudo a cotica, que é mais estreita que a banda, se lança da parte esquerda para a direita.

Contrafazedor: aquelle que sabe *arremedar* a alguém ou a alguma cousa. Foi termo usado por Sá de Miranda e por Gil Vicente em suas comedias.

Corrego: *regueiro de agua*. Ainda se acha esta palavra em Barros na Decad. 1. pag. 165.

Cossolete: era peito de armas de cobre ou de latão. Tambem lhe chamavam *couraça leve*. Veja-se a Arte Militar, onde trata desta arma.

Costeiro: o mesmo que *ladeira de monte*. E' palavra mui frequente nos nossos Auctores mais antigos.

Cota de armas: era uma como capinha, que nas batalhas ou torneios vestiam os cavalleiros sobre a couraça, e chegava até meio corpo. Era esta vestidura aberta pelas ilhargas, com mangas curtas, e ás vezes com mangas entresachadas de diversas cores, cozidas umas ás outras, sobre as quaes punham os cavalleiros os escudos das suas armas, bordados de prata ou ouro, ou esmaltados em metal. Tambem os antigos chamavam *cota* a um certo jubão de que usavam as mulheres, unido á saia, com cauda e mangas compridas.

Cotica [termo de armeria] é uma peça semelhante á banda, mas mais estreita, e lança-se, como a banda, do canto do escudo em travez, cujo escudo se chama *coticado*.

Cozeito: o mesmo que *cozido*; e assim diziam os antigos: *cozeito* com a terra, em logar de *cozido* com a terra.

Crimeza: o mesmo que *severidade* e rigor, segundo diz a Historia de S. Domingos, part. 2. pag. 85. Chamavam os antigos tambem *criminal* ao homem severo e agastado.

Crisada: ferida feita com uma especie de adaga chamada *cris* entre os Malaios. Acha-se esta voz em Barros na Decad 2. pag. 91.

Cubilheira: mulher velha e nobre, que cuidava do aceio, gala e perfumes dos vestidos dos nossos antigos reis. Os infantess tambem a tiveram em algum tempo.

Cuscuzeiro: antigo chapéu com copa alta e aguda.

Cuspido: o mesmo que *esculpido*. Veja-se a Duarte Nunes na Origem da Ling. Portug.

Darandella: antigo traje de mulher, do qual tra-

ta D. Francisco Manuel na *Çamfonha de Euterpe*, pag. 96.

Dar-se de rosto: o mesmo que ser um contra si mesmo. *Aulegraphia*, pag. 2. verso: Porque tem a mesma incrinação esta manqueira, com que *me dou de rosto*. »

Davandito: *sobredito*. *Mon. Lusit.* tom. 5. pag. 248. Sá de Miranda e Gil Vicente.

De grado: o mesmo que *com boa vontade*. Sendo esta palavra muito antiga, e não se usando já no tempo de Vieira, ainda se acha neste Auctor no tom. 1. pag. 137.

X *Degredos*: o mesmo que *decretos*. *Mon. Lusit.* tom. 5. pag. 148, em que transcreve uma Lei d'El-Rei D. Affonso 2.^o, que diz: « *Degredos apostoligos* » &c.

Denodado: o mesmo que *resoluto*, *atrevido*, *livre e impetuoso*. Acha-se na *Chronica d'El-Rei D. João 1.^o*, pag. 193: « *Votos denodados*, isto é, *atrevidos*, quaes os que faziam os cavalleiros daquella idade.

Departição: o mesmo que *pratica familiar*, segundo Zurara na *Tomada de Ceuta*, cap. 57. Formavam tambem desta palavra o verbo *departir* por *conversar*.

Dependencia: o mesmo que *penitencia*. *Mon. Lusit.* tom. 5. pag. 73, ao mostrar que *abbade* significava antigamente *confessor*.

Depoer: o mesmo que *jurar em depoimento*. Traz este verbo Cardoso no seu *Vocabulario Vulgar*.

Depraça, adverbio, que valia o mesmo que *em publico*. Acha-se em Lopes na *Chronica d'El-Rei D. João 1.^o part. 2. cap. 160*.

Derrocar valia o mesmo que *destruir* e *derrubar*. Usou deste verbo muitas vezes Fernão Lopes e Damião de Goes. O Padre Vieira, grande adorador da antiguidade, não teve duvida a usar tambem d'elle no tom. 6. pag. 259, e no 7.^o pag. 259.

Desaguisado e desaguiso, como substantivo significava *aggravo, sem-rasão e cousa mal feita*. Como adjetivo se acha nas antigas Chronicas com a significação de *mal intencionado*. Julgador *desaguisado* se acha em alguns papeis manuscriptos do Sr. D. Alvaro, escriptos de Castella a El-Rei D. João 2.^o

Desanciado: o mesmo que *desconfiado* de conseguir algum bem. Acha-se em alguns escriptos do famoso bispo Jeronimo Osorio.

Desgavar: o mesmo que *vituperar*. Diziam tambem *desgavado* por cousa que não merecia louvor.

Despeado valia o mesmo que *maltratado dos pés*. Ainda o usou Barros na Decad. 4. pag. 150.

Despeito: o mesmo que *a pesar de alguém*. Posto ser palavra antiquissima, acha-se ainda em Vieira no tom. 3. pag. 284.

Despelhar: *resplandecer*, segundo Leitão na Miscellanea, pag. 458 no verso de Egas Moniz: « Grenhas tendes *despelhar* » &c.

Desvairo: o mesmo que *discordia*. Usou-o Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o part. 2. cap. 193.

Deveza: campo de ervagem para apascentar o gado. Tambem aos campos cerrados e defendidos de arvores chamavam os antigos *devezas*.

Devido: palavra de que usavam e usam ainda os nossos reis, para denotarem o parentesco que tem com algum vassallo.

Dia adiado: o mesmo que *dia prescripto*. Era modo de fallar mui frequente até o reinado d'El-Rei D. João 3.^o

Dinheiros: até o reinado d'El-Rei D. João 1.^o doze *dinheiros* valiam em Portugal um soldo daquelles que vinte faziam a libra mais antiga. Veja-se a Chronica d'El-Rei D. Fernando no cap. 55.

Doairo, que se acha em escripturas antigas, diz Cardoso no seu Diccionario, que significava em latim o mesmo que *vultus*.

Dolos: o mesmo que *dores*, segundo Leitão na Miscellanea, pag. 459, no verso de Egas Moniz: « Que gravisem os mais *dolos* ».

Dorsel: o mesmo que hoje *espaldar* ou parte posterior de uma cadeira em que se encostam as costas.

Ei na infancia da Lingua valia o mesmo que *eu*, como prova o verso de Egas Moniz: « Mas se *ei* for para o Mondego. » Alguns erradamente entendem que *ei* significava *elle*.

Embaimento: o mesmo que *mentira* ou *engano*. Havia tambem o verbo *embair*, como já mostrámos em outro lugar.

Embetesgar: o mesmo que *metter-se em lugar embaraçado* ou sem sahida. Ainda se acha em Barros, Decad. 2. pag. 81, Fr. Heytor Pinto pag. 15, e outros.

Embude: o mesmo que *funíl*. Acha-se no Cancioneiro de Rezende, e na Aulegraphia de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Em erre: o mesmo que *em pontos*. Aulegraphia, pag. 14: « Estive *em erre* de levar-lhe as toucas nas unhas. »

Emmenta: significa o mesmo que *lembrança*. Acha-se na Comedia *Ulyssipo* de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Emmentes [adverbio]: o mesmo que *em quanto*. Acha-se em escripturas dos reinados d'El-Rei D. Diniz, D. João 1.º e outros.

Empado: o mesmo que *sustentado* e *arrimado*. Neste sentido o usou ainda D. Francisco Manuel nas Cartas, pag. 269.

Empantufar-se, isto é, *calçar pantufos*, para pare-

cer mais alto. Por metáfora se dizia do soberbo e vaidoso, que queria parecer o que não era.

Empegar-se: o mesmo que *engolfar-se* e navegar em mar alto. Nesta significação o usou Barros na Decad. 1. pag. 87.

Empezar: acha-se em Fernão Mendes Pinto, pag. 110, e segundo parece, significava *untar* ou cobrir com algum ingrediente para preservar da corrupção carnes &c.

Empofia, palavra que se acha em a nossa Historia Oriental, e então muito usada na Costa de Melinde, significava *trapaga*, *demanda* e *queixa* sem fundamento, para roubar os bens alheios.

Emprir: o mesmo que *encher*, segundo Faria na Introduccão ás Odes de Camões, pag. 81, interpretando um verso de um nosso antiquissimo poema.

Emsembra: *juntamente*. Leitão na Miscellanea, pag. 456: « *Emsembra* co os netos de Agar fornezinhos &c.

Encarentar: o mesmo que *crescer*, segundo Barbosa e Cardoso nos seus Diccionarios. Tambem achamos este verbo em Gil Vicente. Diziam os antigos: *encarentou* o preço, v. g. do trigo, em lugar de *subiu* ou *cresceu* o preço. Hoje dizemos *encareceu*.

Encartado: o mesmo que *banido* em a nossa antiga linguagem. Outras vezes tambem significava aquelle a quem ia dirigida uma carta, e neste sentido ainda se acha na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 143.

Ende: o mesmo que *dalli*, *por isso* e *aqui*. Foi termo muito usado até o reinado d'El-Rei D. Diniz, como se póde ver no tom. 5. da Mon. Lusit.

Enfanar-se: o mesmo que *agastar-se*. Usou-o Gil Vicente em suas Comedias.

Engafecer: o mesmo que *encher-se de lepra*. Acha-